

Coletivo Rosas e Retalhos do Acampamento Rosa Luxemburgo (FNL): Diálogos com os Fundamentos do Design Prospectivo

Lucilene Mizue Hidaka, Raquel Gomes
Noronha y Lara Leite Barbosa⁽¹⁾

Resumo: Este artigo, parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, investiga o coletivo de mulheres costureiras Rosas e Retalhos, que vive no acampamento Rosa Luxemburgo em Votorantim (SP), integrante do movimento por moradia Frente Nacional de Luta - Campo e Cidade (FNL). O grupo produz artefatos a partir de sobras de tecidos e resíduos têxteis pós-consumo, conciliando geração de renda, reaproveitamento de materiais, crochê, macramê e organização comunitária.

O estudo dialoga com os quatro pilares do Design Prospectivo (Amstel et al., 2022). Primeiro, analisa as "estruturas invisíveis como pontos de alavancagem", identificando a luta por moradia como infraestrutura política e material que viabiliza o trabalho das mulheres. O acampamento Rosa Luxemburgo, fundamentado na teoria marxista-leninista, possui organização coletiva e liderança majoritariamente feminina, e enfrenta vulnerabilidades como falta de água potável, saneamento e infraestrutura adequada. Segundo, aborda a "estética das qualidades relacionais" — justiça social, solidariedade, democracia e resiliência. As mulheres reúnem-se diariamente em um antigo espaço da biblioteca, compartilham refeições, ensinam mutuamente a costura e criam artefatos coletivamente. Uma delas, por exemplo, encapou cadeiras escolares descartadas usando apenas nós, sem costura ou cola, e desenvolveu um porta-carretéis a partir de uma porta reaproveitada. O logo do coletivo foi inicialmente criado por uma integrante usando ferramentas de edição do WhatsApp, evidenciando apropriação criativa de tecnologias acessíveis. O "possibilismo radical", terceiro pilar, orienta a metodologia participativa e etnográfica da pesquisa, aberta às demandas emergentes a cada encontro. Durante as visitas de campo, as mulheres relataram dificuldades para fotografar produtos e administrar o perfil do Instagram, resultando em oficinas colaborativas. Também manifestaram interesse em produzir lingerie, aprendendo por meio de vídeos no YouTube e pesquisas na internet, demonstrando como tecnologias digitais podem se tornar instrumentos de resistência, ainda que sujeitas às contradições do colonialismo digital. O quarto pilar, "prospecção coletiva", revela um sistema amplo de agentes: além das costureiras, participam da pesquisa uma professora de psicologia com estudantes extensionistas, a ONG Instituto Empodera, que oferece ensino de macramê e modelagem de bolsas, e a própria pesquisadora como designer e facilitadora de processos criativos. As mulheres enfatizam a produção colaborativa: "é raro ter uma peça aqui que a gente diz 'ah, eu fiz

sozinha', são "feitas no coletivo". Uma integrante expressa sua visão de futuro solidária: "eu não quero ficar sozinha nesse futuro".

Como referencial teórico, o artigo mobiliza autoras como Fraser (2024), que entrelaça capitalismo, patriarcado e colonialismo; Federici (2019), sobre a precarização do trabalho reprodutivo; Tronto (1993), acerca do cuidado; e o conceito feminista de "hacking/making", que contesta a narrativa hegemônica do hacking associada ao homem branco. Também recupera Mies & Bennholdt-Thomsen (2001) e sua perspectiva de "subsistência" como vida baseada em necessidades reais, comunidades autogeridas e reciprocidade.

Nas considerações finais, o artigo reconhece que o design, por si só, não resolve tensões estruturais como a ameaça constante de despejo — uma integrante relata: "a qualquer momento a gente pode estar sendo despejadas [...] ver as máquinas passando por cima do nosso sonho". No entanto, o coletivo Rosas e Retalhos é apresentado como experiência de resistência cotidiana, em que costurar, reaproveitar e estar juntas constituem atos de luta por autonomia, dignidade e futuro. A pesquisa em andamento aposta que o design praticado desde as margens e em aliança com movimentos sociais pode contribuir para que esses futuros não sejam sonhados sozinhos.

Palavras-chave: design e gênero - coletivo - história das mulheres - reprodução social - tecnologia digital - luta por moradia - fnl - design prospectivo - resíduos têxteis - sustentabilidade

[Resúmenes en inglés y español en la página 162]

(1) Ver CV en pág. 164

Introdução

Este trabalho faz parte de um doutorado em andamento da primeira autora, e pesquisa o coletivo de mulheres costureiras Rosas e Retalhos, que trabalha produzindo artefatos principalmente com sobras de tecidos e resíduos têxteis pós-consumo. Estas mulheres vivem no acampamento Rosa Luxemburgo, localizado em Votorantim, interior do Estado de São Paulo, e que faz parte do movimento de luta por moradia, Frente Nacional de Luta – Campo e Cidade (FNL).

Metodologicamente, a pesquisa se desenvolve através da observação participante, com registros em imagens e diário de campo (Ingold, 2015), pesquisa participante (Brandão & Borges, 2007) e entrevistas semiestruturadas. Até o momento, março de 2026, foram realizadas quatro visitas ao acampamento, participação no evento de final do ano de 2025, realizado pela ONG Instituto Empodera – com participação do coletivo em um desfile de moda com suas produções – e uma visita à loja Conexões Musas, em Sorocaba, onde os produtos do coletivo

Rosas e Retalhos estão expostos à venda. Trata-se de um estudo em andamento, com reflexões e análises iniciais sobre os papéis de designers nos movimentos sociais.

Utilizamos como lentes de análise, autoras como Fraser (2024) com sua abordagem crítica, que identifica as relações históricas e entrelaçamento do capitalismo, patriarcado e colonialismo; e na premissa de que o avanço tecnológico atual convive, de maneira contraditória, com a contínua precarização da vida e com a depreciação do trabalho ligado à reprodução social — atividade desempenhada sobretudo por mulheres (Federici, 2019). Além disso, este estudo fundamenta-se na noção de cuidado elaborada por Tronto (1993) e na perspectiva do “*hacking/making* feminista” (SSL Nagbot, 2016), a qual valoriza a criatividade e o trabalho coletivo protagonizados por mulheres, contestando a narrativa hegemônica do “*hacking*” associada ao homem branco e aos *nerds* que programam no computador (Barbrook & Cameron, 2018). Nesse contexto, a ação de reaproveitar e modificar resíduos é interpretada como uma prática de *hacking* material e de conhecimento localizado, fornecendo uma lente privilegiada para analisar as tensões existentes entre artesanato têxtil, tecnologias, iniciativas comunitárias voltadas à sustentabilidade e justiça social. Ainda, conforme Mies & Bennholdt-Thomsen (2001), apresentamos uma perspectiva feminista de “subsistência” como uma forma de vida baseada no atendimento das nossas necessidades reais, no âmbito de comunidades locais autogeridas, com reciprocidade, em um mundo que não seja devastado por conflitos bélicos nem exaurido pelo consumo supérfluo, um mundo que haja a “reinvenção dos comuns”, contra privatizações de recursos e espaços comuns.

Este trabalho foi dividido em quatro sessões com o propósito de dialogar com os quatro fundamentos que compõem o Design Prospectivo (Amstel *et al.*, 2022). Iniciamos pelas “estruturas invisíveis como pontos de alavancagem”, sendo nesta pesquisa, a infraestrutura da luta por moradia. Segundo ponto, a “estética das qualidades relacionais”, no âmbito da sustentabilidade, “justiça social, convivialidade, democracia, solidariedade e resiliência” (Amstel *et al.*, 2022, p. 100), na medida em que as mulheres que costuram e lutam por moradia, reaproveitam resíduos têxteis para a produção de artefatos de uso próprio e para geração de renda. Terceiro: “possibilismo radical”, por meio da pesquisa participante (Brandão & Borges, 2007) que está aberta às necessidades e possibilidades construídas a cada encontro. Quarto: “prospecção coletiva”, na qual existem diversos agentes que participam e colaboram com a pesquisa, neste caso, mulheres que lutam por moradia, professora realizando trabalho de extensão com estudantes da psicologia, facilitadora no ensino de macramê, mulheres representantes da ONG Instituto Empodera, e a autora principal doutoranda, como pesquisadora, designer e facilitadora.

Moradia: estrutura invisível como ponto de alavancagem

O coletivo Rosas e Retalhos está localizado no acampamento Rosa Luxemburgo (Figura 1), em Votorantim, interior do Estado de São Paulo, e faz parte do movimento de luta por moradia Frente Nacional de Luta Campo e Cidade (FNL). Conforme o Caderno de

Formação nº 01 Princípio (FNL, 2020), seus princípios são fundamentados na teoria marxista-leninista e trata-se de uma organização de coordenação coletiva, que acredita em uma luta revolucionária pelo fim da exploração e da desigualdade social, em que uma “camponeses, operários, indígenas, quilombolas e todo o proletariado urbano e rural”. Possuem como palavra de ordem: “terra, trabalho e liberdade”. Conforme o caderno:

o caráter da FNL é de uma organização de massas, que trabalhará na mobilização, formação política e ideológica de milhões de trabalhadores do campo e cidade, sustentando-se em uma estrutura centralizada, com núcleos e comissões que estejam na base da estrutura, em acampamentos e assentamentos e possam forjar um gigante capaz de colocar fim a exploração imposta pelo Estado a serviço da classe dominante (FNL, 2020).

A localidade caracteriza-se por uma liderança expressiva, predominantemente exercida por mulheres, aliada a uma estrutura organizacional interna consolidada. O nome do acampamento, em alusão à Rosa Luxemburgo, uma importante filósofa e economista marxista, polonesa-alemã, que nasceu em 1871 e foi assassinada em 1919, reforça o caráter ativista e de resistência do agrupamento, tônica reforçada, ainda pelo lema da militante – socialismo ou barbárie.

Dentre os aspectos de vulnerabilidade estão o acesso à água potável, serviços de saúde, infraestrutura de moradias, sistemas de coleta de resíduos convencional e seletiva. A comunidade possui um acentuado senso de solidariedade entre os moradores. Adicionalmente, a disposição para firmar novas parcerias, a capacidade de superação e o interesse por aprendizado contínuo complementam o perfil do grupo (Barros, 2025). Nesse contexto, o Programa de Extensão Mundos Possíveis, da Escola de Ciências da Saúde, do Centro Universitário Facens, coordenado pela professora Raquel da Silva Barros, têm desenvolvido interações com o objetivo de ampliar a qualidade de vida na região, incluindo realização de oficinas direcionadas a mulheres e crianças. Essas iniciativas, por sua vez, têm se mostrado essenciais para identificar e valorizar potenciais locais, promovendo um ambiente mais colaborativo e acolhedor (Barros, 2025). (Figura 1).

Conforme Gohn (2022, p. 34) menciona Florestam Fernandes, (1965), “há décadas que o Brasil permanece uma sociedade marcada pela pobreza, desigualdade, exclusão dos grupos subalternos, com concentração de riqueza e má distribuição de renda”. A pesquisadora Gohn (2022) retrata os movimentos sociais e coletivos durante a pandemia de Covid-19, momento este em que algumas das mulheres do coletivo, passaram a fazer parte do acampamento, devido, como uma delas informou, à dificuldade em se manter pagando aluguel. O direito à moradia é assegurado pela Constituição Federal de 1988, na qual é estabelecido ser competência comum da União, Estados e municípios, “promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico” da população (Gov, 2026). (Figura 2).



Figura 1: Acampamento Rosa Luxemburgo. Fonte: Hidaka (2025)



Figura 2: FNL – Campo e Cidade. Fonte: Hidaka (2025)

Em diálogo com o princípio da estrutura invisível como ponto de alavancagem, especulamos como o próprio acampamento e o coletivo de mulheres que nele se constituiu atuam, dialeticamente como este ponto mobilizador da ação. A partir de observações em campo, e articulação com a teoria aqui abordada, identificamos que a situação de extrema vulnerabilidade, marcada pela ausência dos elementos básicos de saneamento e higiene, além da estrutura digna de moradia que teoricamente são assegurados – e sabemos que não o são de fato – podem gerar duas possibilidades imanentes: a mobilização e a ação, ou a estagnação e desagregação.

Ao olhar a problemática a partir do design prospectivo, entendemos que pode haver um movimento pendular entre estas instâncias, de acordo com o momento, com as relações externas e correspondências entre agentes sociais envolvidos. Neste processo,

de entendermos as aproximações entre os movimentos sociais e o design, e o que pode emergir desse encontro, ter a noção que esses pontos de alavancas são instáveis e dependentes de diversas variáveis – quantas são e qual o grau de dificuldade em que se apresentam, dependem justamente do grau de vulnerabilidade em que se encontra o grupo em questão. Esta é uma primeira síntese para este diálogo.

Coletivo de mulheres: estética das qualidades relacionais

Todas as mulheres que compõe o Coletivo Rosas e Retalhos são mães. O espaço do coletivo está instalado na antiga biblioteca do acampamento, composto por um cômodo do qual elas dividiram entre a área de confecção, com as máquinas de costura e materiais de trabalho, um espaço para a cozinha com um fogão e uma geladeira, dispensa de alimentos e materiais de trabalho e ao lado, um banheiro. Tati 1 tem 42 anos, é casada, mulher parda, possui três filhos e iniciou graduação em Administração, mas não concluiu; contou que o marido dela as auxiliou com a ligação elétrica e com o encanamento da água do cômodo onde foi instalado o ateliê (Figura 3).



Figura 3.

Fonte: Hidaka (2026)

As mulheres costumam reunir-se em seu ateliê de segunda a sexta-feira, das 9 horas às 17 horas. Suzana, uma mulher parda, possui 39 anos, cursou até o primeiro ano do Ensino Fundamental 1, mora com o companheiro e o filho de 14 anos, possui mais dois filhos de 23 e de 19 anos. Ela contou que elas começaram a se reunir por meio de um grupo do *WhatsApp* no dia 16 de agosto de 2025. Ela disse que possuem um combinado de cada uma levar algo para dividir nas refeições durante o dia. Por exemplo, a Suzana costuma trazer marmitas e Lígia faz o café.

Nem todas tinham familiaridade com a costura. Uma delas possuía uma máquina há dois anos e nunca tinha trabalhado nela. Lia, uma mulher parda, de 30 anos, mora com o companheiro e os filhos de 15 e 7 anos, além deles, possui mais dois filhos, estudou até o quarto ano do Ensino Fundamental 1, comentou que foi “na raça” que ela aprendeu a costurar e com muita insistência da coordenadora do acampamento, e que hoje está muito contente com o aprendizado e com o que faz. Lia comentou que faz tranças como uma das formas de gerar renda.

A Suzana comentou que ela mesma fez o logo do projeto, ela pegou uma imagem de máquina de costura na internet, aplicou uns corações, e escreveu o título, na ferramenta de edição do *WhatsApp*. Depois ela pediu para uma conhecida, que trabalha com criação de cartões e convites, para refazer o logo do coletivo (Figura 4). Este ano, as mulheres sugeriram de repensarmos o logo do coletivo. Em um outro dia, fizemos um encontro para analisar e discutir marcas, fotografias de produtos e iniciamos uma conversa sobre o que compõe e o que caracteriza o Rosas e Retalhos.

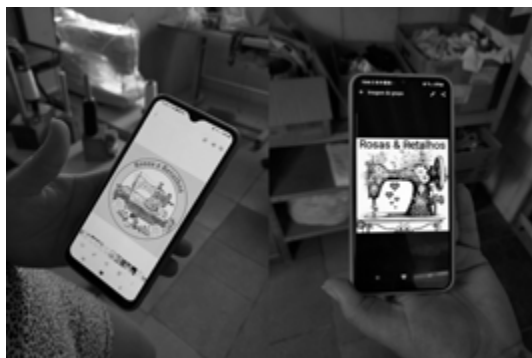


Figura 4:

Fonte: Hidaka (2025)

O coletivo busca reaproveitar o material que recebem das doações. Suzana, logo no primeiro dia da visita do acampamento, mostrou as cadeiras escolares e os tecidos que elas haviam recebido. Ela encapou as cadeiras com as sobras de tecidos somente dando nós, sem costura ou cola (Figura 5).

Suzana está o tempo todo criando artefatos com materiais descartados ou doados. Ela explicou como fez o porta-carretéis de linhas (Figura 6): “o quadro assim, é uma porta de um armário alguma coisa do tipo, daí eu coloquei metade assim, metade branca. Não tinha todos na mesma cor e eu falei, não interfere muito porque vai punhar uma rodelinha né, então não vai interferir muito” (Entrevista de Suzana à pesquisadora, realizada em 2026). Suzana, comentou que não consegue ficar em casa sem criar, sem fazer nada. Naquela semana ela comentou que havia feito uma bolsinha de celular com uma alça. (Figura 6).



Figura 5:
Fotos: Hidaka (2025)



Figura 6: Fotos: Hidaka (2025)

A Tati faz um trabalho voluntário no banco de alimentos todas as sextas-feiras. Ela contou que gosta de conhecer as pessoas, é como uma “válvula de escape”, diz. Além disso, possui o intuito de fazer novos contatos de trabalho:

porque eu vou estar trabalhando lá onde tem mulheres, vou pegar contatos, vou divulgar o nosso trabalho, você tá entendendo? Então, tudo isso, pra muitos pode ser uma perda de tempo o que eu tô fazendo, pode ser uma perda até mesmo de dinheiro, mas eu não acho assim, é um investimento futuro, eu visio o futuro (Entrevista de Tati à pesquisadora, realizada em 2026).

Tati contou que vende produtos de beleza principalmente pelos contatos do *WhatsApp*. Ela tinha um computador para trabalhar, mas segundo ela, “foi pro brejo”. Sobre a venda de produtos do coletivo, ela conta que ainda não gera renda, e acrescenta “se eu tivesse

condições eu mesmo pagaria o salário delas, porque a nossa loja ainda não tá nos pagando”. Nestes relatos, a contingência do cotidiano, as pequenas improvisações que acontecem ao longo das correspondências entre as mulheres, os materiais e os ambientes, podem ser lidas antropologicamente como respostas atencionais àquelas mesmas situações alavancadas pela extrema vulnerabilidade. Ingold (2015) nos fala de um conhecimento narrativo, que é aquele que emerge a partir da extrema situacionalidade, e deriva dos conhecimentos mobilizados em relação. Em relação aos seres vivos, aos materiais, às demandas que exigem resposta. A estética das qualidades relacionais dialoga, aqui, neste sentido. Todas as mulheres poderiam direcionar sua atenção – e simplesmente não fazer nada em relação a uma prática criativa – perante a extrema vulnerabilidade. Contudo, optam em responder atencionalmente, ou corresponder, conforme nos convida o autor.

As práticas criativas que emergem em contextos diversos, independente da presença ou participação de designers, pauta-se na improvisação. Ainda com Ingold (op.cit), a relacionalidade é a condição para que a vida flua, e todos temos uma habilidade-resposta-responsabilidade para com o nosso ambiente e suas *affordances* (como vimos, neste caso, a ocupação do espaço, o cuidado com a sua habitabilidade, com a energia elétrica e água, a recuperação e embelezamento das cadeiras). As pessoas simplesmente se relacionam e fazem coisas juntas. Esse é um ponto importante de inflexão para o que nós, designers, podemos aprender com os movimentos sociais. Mais do que estar lá para ensinar.

A cada encontro: possibilismo radical

A cada encontro, possibilidades, necessidades, demandas e trocas aparecem nas conversas com as mulheres do coletivo. Na terceira visita, elas contaram sobre a dificuldade que elas tinham para tirar fotos dos produtos e juntas começamos a pensar em espaços na parede que poderíamos aproveitar para registro. Elas separaram algumas peças e pediram auxílio para fotografar, ajeitamos tudo na mesa, fizemos alguns vídeos. Neste momento veio um pedido de ajuda com o *Instagram*². Elas disseram ter dificuldade de manuseio e combinamos de agendarmos um dia para explicar mais detalhadamente sobre esta rede social. Conversamos sobre possibilidades de textos, e criamos juntas, um texto para colocar no perfil do coletivo.

Elas estão animadas para criar *lingeries*, mostraram calcinhas, tops, dizendo que que foi tudo feito por experimentação, elas pesquisaram e assistiram vídeos no *Youtube*, inclusive se inspirando, “tudo olhando os moldes na internet”, diz Lia. Todas conhecem o aplicativo *Pinterest*, mas nem todas usam com frequência. Elas relataram ter percebido que o *Google* e o *YouTube* sabem o que elas desejam, exemplificando com uma situação em que estavam pesquisando por receita de bolo e que depois o algoritmo ficava mostrando diversos tipos de bolos. Elas elogiaram esta funcionalidade, dizendo que facilita muito no campo das ideias. Em consonância com (Barbosa et al., 2025), “as táticas de luta dos movimentos sociais não se limitam ao mundo *offline*. Elas se reinventam no espaço digital, transformando tecnologias em instrumentos de resistência”. A discussão sobre a inserção das mulheres na

tecnologia esbarra no paradoxo de que este campo pode ser, ele mesmo, um instrumento para a sincronização do tempo coletivo em prol da produção – e isso não se faz de forma individual, em um movimento social. Neste sentido, pode acontecer o diálogo com o princípio do possibilismo radical proporcionado pela utilização tática das tecnologias de comunicação.

Cantor (2019, p. 51) chama de escravidão celular, o tempo de trabalho do trabalhador cognitivo, necessidade de constante conectividade e disponibilidade online, como uma “peça a mais de uma engrenagem que se conecta em rede”. Adotando uma postura crítica, fica o questionamento se a utilização de tecnologias digitais, no caso o celular, funciona como um instrumento de visibilidade e mobilização política e/ou como um fator adicional de prolongamento da jornada laboral e de elevação da sobrecarga mental. Conforme Faustino & Lippold (2025, p. 249):

o colonialismo digital não é uma nova fase do capitalismo, mas uma tendência objetiva do atual estágio de acumulação capitalista pautada pela captura cada vez maior do trabalho, subjetividade e criatividade humana às lógicas do capital através ou em função das tecnologias digitais. Nem o ócio, a sexualidade ou mesmo a militância política escapam à submissão, cada vez maior, aos rituais de monetização e domesticação digital: tudo se converte em produto de entretenimento segmentado.

Hoje, as mulheres do coletivo Rosas e Retalhos se utilizam do celular e aplicativos para se comunicarem, pesquisar referências, moldes, publicar suas produções, mas como disse Suzana, quando estão no ateliê, mal olham no celular, escapando de certa maneira, de fazer parte de mais uma engrenagem da produção de valor no capitalismo pelas tecnologias digitais. Assim, nos parece que, conforme (Gohn, 2022) cita Della Porta, (2019, 386), “os ativistas dos movimentos sociais estão cientes dos desafios. Então você tem pouquíssimas campanhas baseadas somente em mídias sociais”.

Uma das questões em comum entre as mulheres costureiras é a maternidade. Em alguns encontros foi possível observar as crianças uniformizadas esperando pelo ônibus escolar. Elas disseram que a escola é muito pontual e se chegar 5 minutos atrasado, não entra mais. Naquele dia, pela manhã, um adolescente de 14 anos havia perdido aula e estava próximo ao ateliê e uma criança de sete anos, que estuda a tarde, estava esperando sua hora de ir para a escola.

Uma das mulheres do coletivo, a Lígia, mulher preta, de 60 anos, casada, mãe de três filhos, estudou até o quarto ano do Ensino Fundamental 1, contou que trabalha “fazendo bico”, como cuidadora de duas idosas. Ela disse que não é registrada e nem aposentada. Lígia explica como funciona sua rotina de trabalho:

No caso, que nem teve uma casa que eu vou duas vezes na semana, sexta e sábado eu vou. Aí ela já me chama, que é como ela gostou do meu trabalho e tudo né, então ela me chama sempre. Então tô ali com ela, ali. E quando eu preciso também vou pro hospital, sabe? Que nem a semana retrasada mesmo

eu fui. Fui cuidar de um senhor no hospital. Se você souber de algum, você me fala, tá? (Entrevista de Lígia à pesquisadora, realizada em 2026).

Sobre a forma como criam suas peças, Tati comentou que fazem tudo juntas. Neste momento, uma olhou para a outra, sorrindo e balançando a cabeça em concordância:

É, às vezes a Suzana tira o molde, aí eu vou lá e corto, né? Costuro uma máquina a Lia passa na outra também, também, corta. Então assim, as nossas peças aqui são todas feitas no coletivo. A gente faz peça sozinha, mas é raro ter uma peça aqui que a gente diz, ah eu fiz sozinha essa peça. Sempre tem ajuda de outra. Aí a outra costura, aí vai a outra prega o lacinho, então tem sempre a ajuda de todas ali. (Entrevista de Tati à pesquisadora, realizada em 2026).

Neste momento fica evidente o trabalho coletivo exercido por elas, pela reciprocidade, “política como um processo vivo das pessoas nas comunidades” (Mies & Bennholdt-Thomsen, 2001, tradução nossa, p. 1022).

“Feitas no coletivo”: prospecção coletiva

O coletivo Rosas e Retalhos atualmente conta com o apoio da professora Raquel Barros, que desenvolve um trabalho de extensão universitária com estudantes de psicologia do Centro Universitário Facens. Além disso, o coletivo conta com a atuação da ONG Instituto Empodera, que oferece recursos materiais e facilitação no ensino de técnicas manuais como o macramê, costura e modelagem básica. No final de 2025, um evento realizado pela ONG e estudantes da Facens, produziu um desfile de moda, com as mulheres do coletivo e de outros projetos sociais, com suas próprias produções. Neste evento, havia um espaço com a exposição de produtos feitos artesanalmente por mulheres de movimentos e projetos sociais.



Figura 7:
Projeção no evento.
Fotos: Hidaka (2025)

Em um dos encontros, a pedido da ONG e posteriormente das próprias mulheres do coletivo, a doutoranda facilitou uma oficina de criação de acessórios com resíduos têxteis e embalagens. Duas delas já tinham trabalhado com os mesmos tipos de materiais e demonstraram habilidade e criatividade (Figura 8).



Figura 8:
Oficina de acessórios com resíduos
têxteis. Fonte: Hidaka (2026)

Tati tem demonstrado em suas falas o quanto ela pensa no coletivo, ela conta “eu tenho uma visão de futuro, só que nesse futuro, eu não quero ficar sozinha nesse futuro, você entende?” (Entrevista de Tati à pesquisadora, realizada em 2026). Tati contou que as mulheres não queriam, ou não sabiam costurar e ela se disponibilizou a ensinar tudo o que podia. Ela comentou que a maior dificuldade é quando as máquinas de costura quebram, porque dependem do serviço de conserto que é sempre demorado. As mulheres possuem máquina de costura em casa, mas dizem preferir vir para o espaço coletivo para estarem juntas: “eu não consigo entrar no meu ateliê e ficar sozinha, também porque eu vou ficar sozinha entendeu, aqui eu consigo vir todos os dias, se for possível eu fico o dia todo”. Tati comentou sobre a atividade de cooperação, incitando a economia solidária em suas práticas, pela disposição de aprendizagem, experimentações, “adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana” (Singer, 2006, p.112). Segundo ela:

o ideal que todo mundo sabe fazer tudo, né? Que nem cooperador. É o que eu falo para elas, vocês têm que aprender, cada uma fazer um pouquinho de cada coisa, porque para ter autonomia, né? Porque nós somos uma equipe, então é interessante que todas saibam como fazer ali o feijão” (Entrevista de Tati à pesquisadora, realizada em 2026).

Na Figura 9, apresentamos alguns produtos realizados pelo coletivo, como bolsas e acessórios de cabelo, feitos a partir de tecidos de punhos e golas que elas receberam como doação.



Figura 9:
Produtos do Coletivo
Rosas e Retalhos.
Fotos: Hidaka (2025)

Suzana complementa dizendo: “a gente fica o dia inteiro aqui conversando, criando, né? Se divertindo”. Neste dia, a pesquisadora almoçou a convite delas, e foi servido um delicioso macarrão com arroz, feijão e beringela à milanesa. Ao final, dentre muitas conversas, a Tati comentou que “a qualquer momento a gente pode estar sendo despejadas daqui, perder tudo, ver as máquinas passando por cima do nosso sonho de novo, como eu vi acontecer lá no Teresa de Benguela³”. (Entrevista de Tati à pesquisadora, realizada em 2026).

Considerações finais

Este estudo buscou trazer articulações iniciais a partir dos fundamentos do Design Prospectivo (Amstel *et al.*, 2022), tomando como objeto empírico o coletivo Rosas e Retalhos, do acampamento Rosa Luxemburgo (FNL). As reflexões iniciais aqui apresentadas apontam para a relevância de se reconhecer, primeiramente, as “estruturas invisíveis” que sustentam a existência do grupo — em especial, a luta por moradia como infraestrutura política e material que viabiliza o trabalho das mulheres costureiras. Em segundo lugar, evidenciou-se que a “estética das qualidades relacionais” — justiça social, solidariedade, convivialidade e resiliência — não é um atributo abstrato, mas se manifesta concretamente no cotidiano do coletivo: no compartilhamento das refeições, no ensino mútuo da costura, na reforma de móveis descartados, na criação coletiva de uma identidade visual e na disposição de aprender umas com as outras. Essas práticas, mediadas por tecnologias digitais acessíveis como *WhatsApp*, *Instagram* e *YouTube*, revelam um fazer que dialoga tanto com o artesanato têxtil quanto com o conceito de “*Hacking/Making* feminista” (SSL Nagbot, 2016), deslocando a inovação para o território da reprodução social e do cuidado (Tronto, 1993; Federici, 2019). O “possibilismo radical” mostrou-se uma postura metodológica fecunda: a cada encontro, novas demandas emergem — da dificuldade em fotografar produtos ao desejo de produzir *lingeries*, da criação de um texto para o perfil do

Instagram, à necessidade de reparar máquinas de costura. A pesquisa participante, aberta e processual, permite que o design não se antecipe como solução, mas como facilitador de processos criativos construídos coletivamente. Por fim, a «prospecção coletiva» revela um tecido colaborativo amplo, que envolve não apenas as mulheres costureiras, mas também lideranças comunitárias, extensionistas universitárias, ONGs (Instituto Empodera) e a própria doutoranda, em um sistema de agentes que aprendem e agem em conjunto. Contudo, permanecem tensões estruturais que o design, por si só, não resolve: incerteza constante de despejo, a precariedade do acesso à água e à saúde, a dependência de doações e a fragilidade da geração de renda, e a delicada articulação entre a micro e a macropolítica, a qual todos os processos participativos e relacionais com grupos vulneráveis estão submetidos, exigindo posicionamentos e aprendizados éticos de designers com os grupos com os quais dialogam e fazem coisas juntos (Noronha e Rezende, 2024). Essas condições, enraizadas no entrelaçamento entre capitalismo, patriarcado e colonialismo (Fraser, 2024), impõem limites à ação projetual, mas também a tornam politicamente necessária. O coletivo Rosas e Retalhos não é um exemplo de “empreendedorismo feminino” ou de “economia criativa” nos termos hegemônicos; é, antes, uma experiência de resistência cotidiana, em que costurar, reaproveitar e estar juntas são atos de luta por autonomia, dignidade e futuro. A pesquisa em andamento segue apostando que o design, quando praticado a partir das margens e em aliança com movimentos sociais, pode contribuir para que esses futuros — mesmo diante da iminência do despejo — não sejam sonhados sozinhas.

Agradecimentos

Ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desde maio de 2024. E ao auxílio do PROAP - PPG Design, em 2025.

Notas

1. Com a finalidade de garantir a manutenção do sigilo e privacidade das participantes conforme a Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), nomes fictícios foram utilizados neste trabalho.
2. www.instagram.com/atelie_rosas_e_retalhos/ www.instagram.com/atelie_rosas_e_retalhos/
3. O acampamento Tereza de Benguela (FNL), ficava localizado no bairro Capovinha, em Votorantim (SP). A comunidade abrigava 150 famílias e foram despejadas em março de 2025, por conta de uma decisão judicial da 1ª Vara Cível da cidade para reintegração de posse. A ocupação do local aconteceu durante a pandemia de Covid-19, impulsionada pelo desemprego e alta dos aluguéis (Portal Porque, 2025).

Referências

- Amstel, Frederick. M. C. van, Botter, Fernanda., & Guimarães, Cayley. (2022). Design Prospectivo: uma agenda de pesquisa para intervenção projetual em sistemas sociotécnicos. *Estudos em Design*, 30(2).
- Barbosa, Alexandre. C., Boava, Alexandre. Z., Foroni, D., Simeone, Gabriel., Tafarello, Rafael., & Ramos, Renato. (2025). A função social da tecnologia. In *Tecnologia sem-teto: por territórios digitais soberanos* (p. 37–41). Editora Dandara.
- Barbrook, Richard., & Cameron, Andy. (2018). *A Ideologia Californiana: Uma crítica o livre mercado nascido no Vale do Silício*. Editora Monstro dos Mares e Baixa Cultura.
- Barros, Raquel. (2025). *Programa de extensão universitária*. Centro Universitário Facens.
- Brandão, Carlos. R., & Borges, Maristela. C. (2007). A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Revista Ed. Popular*, 6, 51–62.
- Cantor, Renán. V. (2019). *A expropriação do tempo no capitalismo atual in: ANTUNES, Ricardo (org). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV* (1º ed). Boitempo.
- Della Porta, Donnatella. (2019). Desafios contemporâneos para o estudo dos movimentos sociais Entrevista com Donnatella Della Porta. *Revista Psicologia Política*, 19(45).
- Faustino, Deivison., & Lippold, Walter. (2025). Lélia Gonzalez e o hacktivismo em pretu-piguês: por uma amefricanização pindorâmica dos algoritmos. In Augusto Jobim do Amaral, Jesús Sabariego, & Ana Clara Elesbão (Orgs.), *Algoritmos II* (p. 244–261). Tirant lo Blan.
- Federici, Silvia. (2019). Social reproduction theory History, issues and present challenges. *Radical Philosophy*, 55–57. www.bloomsbury.com/counterfactuals
- Fraser, Nancy. (2024). *Capitalismo Canibal: Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. Autonomia Literária.
- Gohn, Maria. da G. (2022). *Ativismos no Brasil: Movimentos sociais, coletivos e organizações civis. Como impactam e por que importam?* Vozes.
- Gov.br. Moradia: Constituição garante e reforça concretização do direito. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/constituicao-30-anos/textos/moradia-constituicao-garante-e-reforca-concretizacao-do-direito#:~:text=Assegurado%20pela%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Federal%20de%201988%2C%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20habitacionais%20e%20de%20saneamento%20b%C3%A1sico%E2%80%9D.>>>. Acesso em: 9 abr. 2026.
- Ingold, Tim. (2015). *Estar vivo: Ensaaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes.
- Mies, Maria., & Bennholdt-Thomsen, Veronkia. (2001). Defending, Reclaiming and Re-inventing the Commons. *Canadian Journal of Development Studies / Revue canadienne d'études du développement*, 22(4), 997–1023. <https://doi.org/10.1080/02255189.2001.9669952>
- Noronha, Raquel. Rezende, José Edson. (2024). Ethics of the Possible: Learning Design Anthropology in the Field. In *The Routledge Companion to Practicing Anthropology and Design*, edited by J. M. Spears, and C. Z. Miller. Routledge.

Portal Porque. *Famílias começam a ser retiradas do acampamento de Capoavinha*, em Votorantim. Disponível em: <<https://www.portalporque.com.br/sorocaba-regiao/familias-comecam-a-ser-retiradas-do-acampamento-de-capoavinha-votorantim/>>. Acesso em: 10 abr. 2026.

Singer, Paul. (2006). *Introdução à economia solidária* (6ª ed). Fundação Perseu Abramo.

SSL Nagbot. (2016). Hacking/Making: Exploring new gender horizons of possibility. *Peer Production*, 8.

Tronto, Joan. C. (1993). Care. In *Moral Boundaries: A political Argument for an Ethic of Care*. Routledge.

Tv Votorantim. Votorantim Verdade 26 02 2024 - O convidado é Carlos Caique - Frente Nacional de Luta Campo e Cidade. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTkmXzb3gHM&t=1431s>>. Acesso em: 9 abr. 2026.

Abstract: This article, part of an ongoing doctoral research, investigates the collective of women seamstresses Rosas e Retalhos (Roses and Scraps), who live in the Rosa Luxemburgo encampment in Votorantim (SP), part of the housing movement National Struggle Front - Country and City (FNL). The group produces artifacts from fabric scraps and post-consumer textile waste, combining income generation, material reuse, crochet, macramé, and community organization.

The study dialogues with the four pillars of Prospective Design (Amstel et al., 2022). First, it analyzes “invisible structures as leverage points,” identifying the struggle for housing as a political and material infrastructure that enables the women’s work. The Rosa Luxemburgo encampment, grounded in Marxist-Leninist theory, has a collective organization and predominantly female leadership, and faces vulnerabilities such as lack of potable water, sanitation, and adequate infrastructure. Second, it addresses the “aesthetics of relational qualities” — social justice, solidarity, democracy, and resilience. The women gather daily in an old library space, share meals, teach each other sewing, and create artifacts collectively. One of them, for example, upholstered discarded school chairs using only knots, without sewing or glue, and developed a spool holder from a repurposed door. The collective’s logo was initially created by a member using WhatsApp’s editing tools, evidencing creative appropriation of accessible technologies. “Radical possibilism,” the third pillar, guides the research’s participatory and ethnographic methodology, open to emerging demands at each meeting. During field visits, the women reported difficulties photographing products and managing their Instagram profile, resulting in collaborative workshops. They also expressed interest in producing lingerie, learning through YouTube videos and internet searches, demonstrating how digital technologies can become instruments of resistance, albeit subject to the contradictions of digital colonialism. The fourth pillar, “collective prospection,” reveals a broad system of agents: besides the seamstresses, participating

in the research are a psychology professor with university extension students, the NGO Instituto Empodera, which offers teaching of macramé and bag pattern-making, and the researcher herself as a designer and facilitator of creative processes. The women emphasize collaborative production: “it’s rare to have a piece here that we say ‘ah, I made it alone,’ they are ‘made in the collective.’” One member expresses her solidary vision of the future: “I don’t want to be alone in that future.”

As a theoretical framework, the article mobilizes authors such as Fraser (2024), who intertwines capitalism, patriarchy, and colonialism; Federici (2019), on the precarization of reproductive work; Tronto (1993), on care; and the feminist concept of “hacking/making,” which contests the hegemonic narrative of hacking associated with the white male. It also draws on Mies & Bennholdt-Thomsen (2001) and their perspective of “subsistence” as a life based on real needs, self-managed communities, and reciprocity.

In its final considerations, the article acknowledges that design, by itself, does not resolve structural tensions such as the constant threat of eviction — one member reports: “at any moment we could be evicted [...] seeing the machines running over our dream.” However, the Rosas e Retalhos collective is presented as an experience of everyday resistance, in which sewing, reusing, and being together constitute acts of struggle for autonomy, dignity, and a future. The ongoing research bets that design practiced from the margins and in alliance with social movements can help ensure that these futures are not dreamed alone.

Keywords: Design and Gender - Collective - Women’s History - Social Reproduction - Digital Technology - Housing Struggle - FNL - Prospective Design - Textile Waste - Sustainability.

Resumen: Este artículo, parte de una investigación de doctorado en curso, investiga el colectivo de mujeres costureras Rosas e Retalhos, que vive en el asentamiento Rosa Luxemburgo en Votorantim (SP), integrante del movimiento por vivienda Frente Nacional de Lucha - Campo y Ciudad (FNL). El grupo produce artefactos a partir de sobras de telas y residuos textiles posconsumo, conciliando generación de ingresos, reaprovechamiento de materiales, crochet, macramé y organización comunitaria.

El estudio dialoga con los cuatro pilares del Diseño Prospectivo (Amstel *et al.*, 2022). Primero, analiza las “estructuras invisibles como puntos de apalancamiento”, identificando la lucha por vivienda como infraestructura política y material que viabiliza el trabajo de las mujeres. El asentamiento Rosa Luxemburgo, fundamentado en la teoría marxista-leninista, posee organización colectiva y liderazgo mayoritariamente femenino, y enfrenta vulnerabilidades como falta de agua potable, saneamiento e infraestructura adecuada. Segundo, aborda la “estética de las cualidades relacionales” — justicia social, solidaridad, democracia y resiliencia. Las mujeres se reúnen diariamente en un antiguo espacio de la biblioteca, comparten comidas, se enseñan mutuamente la costura y crean artefactos colectivamente. Una de ellas, por ejemplo, forró sillas escolares descartadas usando solo nudos, sin costura ni pegamento, y desarrolló un portacarretes a partir de una puerta reaprovechada. El logo del colectivo fue inicialmente creado por una integrante usando herramientas de edición de WhatsApp, evidenciando apropiación creativa de tecnologías

accesibles. El “posibilismo radical”, tercer pilar, orienta la metodología participativa y etnográfica de la investigación, abierta a las demandas emergentes en cada encuentro. Durante las visitas de campo, las mujeres relataron dificultades para fotografiar productos y administrar el perfil de Instagram, lo que derivó en talleres colaborativos. También manifestaron interés en producir lencería, aprendiendo mediante videos de YouTube y búsquedas en internet, demostrando cómo las tecnologías digitales pueden convertirse en instrumentos de resistencia, aunque sujetas a las contradicciones del colonialismo digital. El cuarto pilar, “prospección colectiva”, revela un sistema amplio de agentes: además de las costureras, participan de la investigación una profesora de psicología con estudiantes extensionistas, la ONG Instituto Empodera, que ofrece enseñanza de macramé y modelado de carteras, y la propia investigadora como diseñadora y facilitadora de procesos creativos. Las mujeres enfatizan la producción colaborativa: “es raro tener una pieza acá que nosotras digamos ‘ah, yo la hice sola’, son ‘hechas en el colectivo’”. Una integrante expresa su visión de futuro solidaria: “yo no quiero quedarme sola en ese futuro”.

Como referencial teórico, el artículo moviliza autoras como Fraser (2024), quien entrelaza capitalismo, patriarcado y colonialismo; Federici (2019), sobre la precarización del trabajo reproductivo; Tronto (1993), acerca del cuidado; y el concepto feminista de “hacking/making”, que cuestiona la narrativa hegemónica del hacking asociada al hombre blanco. También recupera a Mies & Bennholdt-Thomsen (2001) y su perspectiva de “subsistencia” como vida basada en necesidades reales, comunidades autogestionadas y reciprocidad.

En las consideraciones finales, el artículo reconoce que el diseño, por sí solo, no resuelve tensiones estructurales como la amenaza constante de desalojo — una integrante relata: “en cualquier momento nos pueden estar desalojando [...] ver las máquinas pasando por encima de nuestro sueño”. Sin embargo, el colectivo Rosas e Retalhos se presenta como experiencia de resistencia cotidiana, en la que coser, reaprovechar y estar juntas constituyen actos de lucha por autonomía, dignidad y futuro. La investigación en curso apuesta a que el diseño practicado desde los márgenes y en alianza con movimientos sociales puede contribuir para que esos futuros no sean soñados en soledad.

Palabras clave: Diseño y Género - Colectivo - Historia de las Mujeres - Reproducción Social - Tecnología Digital - Lucha por vivienda - FNL - Diseño Prospectivo - Residuos Textiles - Sustentabilidad.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]

Lucilene Mizue Hidaka: Designer e doutoranda em Design, pela Faculdade (FAUD/USP). Mestra em Têxtil e Moda (EACH/USP). Graduada em Desenho Industrial, Programação Visual (FAAC/Unesp). Licenciada em Artes Visuais (UniBF). Docente no Instituto Europeo di Design, Senac Santo Amaro e Centro Universitário Belas Artes. Principais temas de pesquisa: design, moda, sustentabilidade, upcycling de resíduos têxteis, história das mulheres, hacktivismo e mundo do trabalho. E-mail: lucihidaka@usp.br / @hidaka_upcycling.

Raquel Gomes Noronha: é designer, mestre e doutora em Antropologia. Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Design. Líder do grupo de pesquisa NIDA/UFMA – Narrativas em inovação, design e antropologia – desenvolve pesquisas sobre metodologias participativas, design-materiais-artesanato, gênero, poder e ativismos, em uma perspectiva anticolonial e antipatriarcal. Bolsista Produtividade em Pesquisa e membro do Comitê de Assessoramento de Design do CNPq. E-mail: raquel.noronha@ufma.br.

Lara Leite Barbosa (orientadora): Professora Associada do Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo. Arquiteta e Urbanista e Mestre pela Escola de Engenharia de São Carlos. Doutora pela FAUUSP. Autora do livro “Design sem fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade”, publicado pela Edusp e Fapesp, o qual recebeu o 3º lugar do Prêmio Jabuti 2013. Coordenadora do NOAH - Núcleo Habitat Sem Fronteiras. E-mail: barbosall@usp.br.